

# OBSERVARE 2<sup>nd</sup> International Conference

2 - 3 July, 2014

## II Congresso Internacional do OBSERVARE

2 - 3 Julho, 2014



## Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>



# **Da desconstrução do romantismo aos múltiplos rostos das violências - Primavera Árabe, novos media e políticas de contestação**

- Sofia José Santos –

Investigadora júnior,

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

[sofajosesantos@gmail.com](mailto:sofajosesantos@gmail.com)

Palavras-chave: novos media, intervenção, primavera árabe, sistema internacional,  
políticas de contestação

## **Introdução**

As análises dos contornos das revoltas e dos processos de democratização que têm tido lugar no Mundo Árabe, desde Dezembro de 2010, ainda que com distintos níveis de intensidade nos diferentes países envolvidos, têm invariavelmente chamado a atenção para a centralidade dos *novos media*, enquanto atores decisivos na divulgação e mobilização de agendas políticas, particularmente as de democratização. Porém, esta inclinação analítica – tendencialmente consensual – parte de uma certa visão romantizada tanto dos novos media, como das próprias mobilizações da região. Por um lado, assume-se uma perspectiva amplificada, e de certo modo fantasiada, sobre os novos media enquanto instrumentos/plataformas com um amplo potencial democratizador e uma conseqüente visão segmentada do espaço mediático, em que o novo suprime ou opõe-se ao convencional, como se diálogo e sobreposição entre novos e velhos media não existisse. Por outro lado, há uma clara focagem na dimensão de mobilização meramente local dos novos media, descurando o seu papel como plataforma de intervenção externa e o facto de a reacção e opção por políticas de contestação ter como alvo os regimes ditatoriais, bem como a a estruturação económica, política e social do sistema internacional.

## **Sistematizações dicotómicas e falaciosas nas Relações Internacionais**

Este tipo de análise normalmente ocorre tendo por base duas dicotomias habituais e quase maniqueístas presentes na literatura e análise das Relações Internacionais e

pretensamente descritivas da realidade internacional – e digo pretensamente porque se apresentam como tal, apesar de omissas e falaciosas.

- **Ordem e barbárie**

A primeira é a sistematização em espaços de ordem e espaços de barbárie – usando para isso a universalidade de um dos lados que se arroga universal, como se não houvesse um *continuum* de gênese e de alimentação desses dois espaços e do que lá se passa e uma mútua influência, tanto positiva como negativa. Ou seja, como se o espaço dito de ‘ordem’ não tivessem bolsas do que se chama de ‘barbárie’ em si mesmo ou não pudesse alimentar de barbárie o espaço que categoriza como tal, e vice-versa. E uso dois exemplos para ilustrar esta minha posição. O primeiro exemplo tem a ver com os conceitos e espaços de paz e de guerra. Habitualmente apresentados como tendo uma relação de oposição, quando, em boa verdade, a sua relação não é de afastamento bipolar, mas sim de interligação (Scheper-Hughes and Bourgois, 2004). Em contextos de guerra, a violência corresponde à hiperconcentração de crimes diários e públicos “consentidos” porque justificados pelo contexto. A violência, a morte, a discriminação, o sofrimento humano aparecem como um padrão normal de relações sociais, pessoais e de ambiente. Por seu lado, os contextos de paz formais também testemunham elevados níveis de violência diária e de discriminação, muitas vezes criados e alimentados pelos mesmos estereótipos e problemas estruturais e culturais que fazem surgir e alimentar a violência na guerra, mas são menos visíveis, ainda que aconteçam diariamente, e são vistos como menos importantes (*Ibidem*) porque entendidos como exceção à ordem, azar de desafortunados ou afetando grupos de pessoas marginais ao centro da sociedade. O segundo exemplo tem a ver com a ideia de “novas guerras” (Kaldor, 1999). A própria análise de Mary Kaldor (1999) mostra como as apelidadas “novas guerras” que são supostamente lugares de barbárie quando confrontados e comparados com a regular e moderna forma de fazer a guerra, em muito alimentados pelas próprias dinâmicas da modernidade, como a globalização ou a privatização da violência.

- **Novo e convencional**

A outra invariância é também uma sistematização, desta vez entre o novo e o convencional. Neste caso aplicado aos media, especificamente entre os media novos e

os media convencionais. De facto, “novos media”, “media sociais”, “medias sociais em rede” são algumas das terminologias encontradas para definir novas plataformas online de comunicação, tal como blogs, páginas e perfis de facebook, youtube ou twitter. Caracterizam-se por oferecer, a qualquer momento e através de qualquer dispositivo tecnológico, acesso à discrição a conteúdos criados por utilizadores individuais, numa lógica interactiva (criativa ou reproduzida), mobilizadora e em rede (Aday, 2010; Bennett, 2003). Os novos media possibilitam a mesma construção de narrativas – públicas e privadas – como os media convencionais, mas a sua lógica de difusão já não é baseada numa lógica de massas (um único ponto de produção e uma mancha de massas dispersas na recepção), mas sim numa lógica de irradiação (Malini, 2007), onde a informação é enviada e partilhada numa lógica micro, segmentada, mas multiplicadora e alimentada por identidades múltiplas (e.g. políticas, de género, sexuais, culturais, étnicas, nacionais) numa dinâmica de acesso e expressão livre e directa, sem intermediários.

O aparecimento dos novos media desafiou os fluxos de informação e comunicação convencionais, o monopólio de informação do Estado assim como o controlo da informação por parte dos grandes grupos, criando a possibilidade de esferas públicas alternativas e formas de resistência. Com a introdução destas novas plataformas de comunicação e divulgação de informação, assistimos à entrada no debate político público de discursos, grupos, partidos políticos e activistas previamente excluídos. Foram precisamente estas características – individualidade, verdade, autenticidade, liberdade – que abriram as portas para uma certa romantização destes novos media enquanto ferramenta de emancipação, um espaço de contestação e de resistência das populações, particularmente em contextos políticos repressivos (formais ou informais). Esta romantização baseia-se e alimenta-se essencialmente na crença generalizada e quase consensual de que a internet é a última tecnologia da liberdade, i.e., uma ferramenta que dinamiza a informação dos cidadãos, a participação política e as políticas de contestação. É vista como uma ferramenta poderosa de expressão política autónoma externa aos sistemas de dominação e em clara posição de oposição a estes, criando quase um micro-cosmos - onde é feito apenas bom uso dos novos media e se anula qualquer realidade *offline* – e um espaço político e social genuinamente bom e não como um objecto complexo usado em contextos e realidades específicas por actores concretos.

Consegue-se compreender, portanto, a natureza grosseira destas sistematizações dicotômicas que negam os pontos de diálogo e de interferência mútua das categorias e que reduzem a realidade a grupos simplisticamente homogêneos. Uma possível analogia para descrever estas dicotomias é a de espelhos distorcidos. Isto é, cada ponto/extremo/extremidade da dita dicotomia são uma e a mesma figura e por isso com o mesmo potencial, mas um deles está deformado, admitindo assim a possibilidade de mudança, de substituição, de resgate, ou de modelação.

### **A Primavera Árabe e narrativas sistematizadamente grosseiras da análise internacional**

As suas sistematizações acima referidas estiveram muito presentes na onda de contestação designada por Primavera Árabe que tem, no essencial, duas narrativas tendencialmente simplistas e, por consequência, omissas. A primeira apresenta a onda como acontecendo num lugar subdesenvolvido de barbárie ou de contra-modernidade, onde uma forte classe média instruída – muitos deles em universidades ocidentais – contestam o seu regime político altamente ditatorial e suas subseqüentes violências, desresponsabilizando a superestrutura económica, política e social do próprio sistema económico internacional que condena estes países a um capitalismo de periferia. E aqui temos, mais uma vez, um *continuum*: as bolsas da paz do centro repercutem-se em dinâmicas de violência na periferia. A segunda narrativa tem atribuído uma indiscutível centralidade aos novos media, tecendo uma perspectiva altamente romantizada dos NOSM no eclodir e na alimentação das políticas de contestação na região.

Aqui importa salientar dois pontos: O primeiro prende-se com o facto de haver aqui uma sobreposição automática potencialmente falaciosa que atribui a espaços políticos discursivos não-ocidentais os mesmos contornos de esfera pública, um conceito tradicionalmente de matriz ocidental, o que torna a centralidade dos novos media ainda mais questionável. O segundo tem a ver com um esvaziamento de “agency” dos próprios novos media, ou seja, estes novos media são idealizados esquecendo que são utilizados e manuseados por atores locais e internacionais com todos os seus vícios, agendas e virtudes.

### **Conclusão**

O que pretendi aqui demonstrar é que independentemente dos contextos ou das plataformas, todos os espaços e instrumentos são plataformas e espaços de poder – sempre – e todos têm linhas de ruptura e linhas de continuidade. Daí que ser apesar de ser facilitador definir caixas analíticas para se interpretar a realidade, é bom que se perceba que essas mesmas caixas nunca podem ser estanques e herméticas, idílicas ou maquiavélicas – exactamente porque a realidade que elas pretendem sistematizar não o é – e há fluxos de interacção, interrupção e criação entre umas e outras. O caso da Primavera Árabe e dos novos media no contexto das políticas de contestação dessa onda revolucionária é disso um exemplo.

### **Referências bibliográficas:**

Aday, Sean et al (2010) New media and contentious politics, USIP, <http://www.usip.org/sites/default/files/pw65.pdf>

Bennett, W. L. (2003), News: The Politics of Illusion, 5th Ed., New York, Longman.

Kaldor, M. (1999). New and Old Wars: Organised Violence in Global Area. Cambridge, MA: Polity Press.

Malini, Fabio (2007), O comunismo das redes: sistema midiático, p2p, colaboração em rede e novas políticas de de comunicação na internet. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese PhD.

Scheper-Hughes, N. & Bourgois, P. I. (2004). Violence in War and Peace—An Anthology. London: Blackwell Readers in Anthropology.